

"DUAS CONSCIÊNCIAS": A IMPRENSA CATÓLICA E A NORMATIZAÇÃO DO COMPORTAMENTO FEMININO

Vamberto Gonçalves da Silva
(Graduando em História – UNICAP)
van.silva79@gmail.com
Prof. Me. Walter Valdevino do Amaral
(Docente do Curso de História – UNICAP)
walterdoc@gmail.com

Introdução

No início do século XXI os meios de comunicação em massa possibilitaram que, cada vez mais, um número maior de indivíduos tivessem acessos a uma grande variedade de informações. Um dos resultados dessa abertura é a disseminação de discursos que ajudam a repensar e reestruturar as relações sociais, trazendo à tona questionamentos dos locais ocupados pelos gêneros feminino e masculino na sociedade. Neste cenário, tornou-se importante entender como aquelas estruturas questionadas se mantiveram, e se mantêm. Para isso, é primordial observar outros momentos históricos e compreender como era construída a realidade dos sujeitos; quais os poderes simbólicos que influenciavam diretamente ou indiretamente a criação da subjetividade desses sujeitos e como eram aceitos e construídos no nível da intersubjetividade[1].

Quando aplicamos esse entendimento em uma lógica de dominação de gênero, o fato de uma diferenciação biológica entre feminino e masculino (algo objetivo), servil, e serve, de base narrativa, discursiva e simbólica para a construção de indivíduos (ou subjetividades), que aceitam uma hierarquização e diferenciação dos papeis que os gêneros deveriam representar.

[1] Sobre o processo que constrói os discursos de normatização, tomamos com base a visão de Michel Foucault acerca do tema: "suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade" (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

Isso é gerado por um conjunto de crenças, regras, condutas entre outros fatores, que a maioria das pessoas compartilha e acredita (a intersubjetividade). Assim determinando quais são os comportamentos e posturas de mulheres e homens que devem ser aceitos pela sociedade, cristalizando-se de tal forma que os tornam naturais, reais e invioláveis (uma realidade objetiva), como se fosse uma lei natural.

No entanto, as relações de gênero não são dadas pela natureza, mas sim, por uma construção sociocultural que procura enquadrar as pessoas dentro de posturas predeterminadas, que foram construídas historicamente, sendo uma de suas finalidades o domínio do corpo. Logo, esse entendimento, vai de encontro com as conclusões de Joan Scott que afirma:

> [...] o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar 'construções culturais' - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1995, p. 75).

Dessa maneira, quando pretendemos realizar uma análise acerca do papel do gênero feminino na década de 1930, na cidade do Recife, percebemos a tentativa da anulação do sujeito em detrimento de seu papel na sociedade. Aqui a mulher era vista como a mãe que deveria cuidar dos filhos, a dona de casa, a esposa símbolo de obediência ao marido entre outros clichês. Esse determinismo do papel feminino estava enraizado na estrutura social e cultural de tal maneira, que era pouco questionado pelas próprias mulheres. O motivo pelo qual tornava, e ainda torna imperceptíveis, tais enraizamentos são os mecanismos utilizados pelo poder, que silenciam e imprimem uma aceitação. "Ele até parece invisível, mas é transmitido e reproduzido e perpetuado através dos indivíduos. Assim, o poder existe e age de modo sofisticado e sutil" (BRÍGIDO, 2013, p. 61). Das técnicas de dominação que procuram perpetuar esse cenário de imposição, acreditamos que o discurso é o mais utilizado, o mais nítido.

Quando observamos nas estruturas sociais de que forma que os discursos são construídos para manter um gênero submisso a outro, torna-se possível notar como atuam nos indivíduos. Judith Butler, explica como funciona a lógica discursiva da seguinte forma: "[...] quando somos submetidos a um discurso, um comportamento em relação ao Outro apenas quando o Outro me demandou algo, ou acusa-me de uma falha ou me obriga a assumir alguma forma de responsabilidade" (BUTLER, 2011, p. 15). É notável na estrutura social o meio que o entendimento dessa autora é aplicável, principalmente quando passamos analisar esse discurso como ferramenta de dominação sobre o gênero feminino. Se essas práticas discursivas e lógicas de dominação são vistas e questionadas nos dias atuais, momento no qual as informações

correm com maior liberdade e abundância; imaginemos como funcionavam em outros momentos históricos. Em momentos nos quais as informações eram bem restritas, podemos inferir que, em sua maioria, os discursos obedeciam a interesses institucionais que procuravam estabelecer sua hegemonia na sociedade através de uma moralização.

Portanto, buscaremos observar como esse processo de disseminação de ideias de dominação de gênero ocorria em um desses instrumentos de divulgação de informação, que era vinculado a uma instituição que detinha uma enorme influência cultural e social, a Igreja Católica nos anos de 1930. Um desses instrumentos de propagação de conteúdos católicos, a revista "Maria", publicada na cidade do Recife, tinha como público alvo as jovens, casadas ou solteiras, de classe média e da elite. Esse periódico fazia parte de um segmento de imprensa que ficou conhecida como "boa imprensa", a qual era publicada e direcionada para as sócias da Pia União das Filhas de Maria. Segundo Walter Amaral, a sua função era: "propor a continuidade da relação de suas associadas com a devoção à Santíssima Virgem, com o trabalho da Igreja e com a própria associação" (AMARAL, 2010, p. 74).

"Maria", como todas as publicações da chamada "boa imprensa", era um instrumento institucional utilizado na disputa pela hegemonia de significação do sujeito através do discurso. Isso é possível pela capacidade de agregar sentido para vida dos indivíduos que o torna eficaz. Portanto, entender a estrutura desse discurso é bastante importante, como aponta Butler:

> A estrutura do discurso é importante para a compreensão de como a autoridade moral é introduzida e sustentada se concordarmos com o fato de que o discurso está presente não apenas quando nos reportamos ao Outro, mas que, de alguma forma, passamos a existir no momento em que o discurso nos alcança, e que algo de nossa existência se prova precária quando esse discurso falha em nos convencer (BUTLER, 2011, p. 15).

Ao estudarmos esse periódico, identificamos também que os discursos e as práticas católicas sofreram resistências dentro de seu público alvo. A matéria que inspirou o título desse trabalho, "Duas consciências", é um exemplo desse processo de resistência e/ou redução da hegemonia de trazer significados aos sujeitos. A partir de agora, passaremos a analisar alguns de seus trechos:

> Há homes com duas cabeças, gallinhas com quatro pernas – amomalias da natureza. São bem raras, relativamente, essas aberrações physiologicas. Muito mais frequentes são as monstruosidades moraes, as anomalias da alma. [...] duas consciências – uma para a igreja, outra para a rua e o salão de baile. Que [sic] te parecem essas aberrações, meu leitor? Ter duas consciências meus é tao monstruoso como nascer uma criança com duas cabeças, ou um patinho com quatro patas – e é [sic] mais deplorável, porque envolve malicia moral, ao passo que as anomalias da natureza não possam de um mal physico muito inofensivo (DUAS consciências, in: MARIA, 1937, p. 178).

Podemos perceber inicialmente como a construção narrativa do discurso é ancorada ao destacar as "aberrações físicas" e quanto elas podem ser aterrorizantes, colocando as "monstruosidades" morais como defeitos da alma. Portanto, ter "duas consciências", ou melhor, duas posturas, uma seguindo os preceitos católicos e outra mais secular, seria algo abominável por não seguir estritamente o pensamento religioso. Observemos como esse discurso é composto quando é direcionado ao gênero feminino:

> Conheço senhoras moças piedosa que ajoelham à Mesa Sagrada muito compostas e decentemente vestida e, uma hora depois, ei-las ahi pelas ruas, mais despida que vestida. E estranho a metamorphose a uma dessa criaturas furta-cores; mas ella me é clara, ato sem cerimônia que [sic] não é igreja – e prompto! Traduzindo em língua de gente [sic] isto dizer: Eu tenho duas consciências: uma para a igreja, outra para a rua, assim como tenho vestido diversos, uns para o inverno, outros para o verão, uns para de dia, outros para de noite. Saindo da casa de deus deixo no banco da igreja a minha consciência christã e visto a consciência pagã (DUAS consciências, in: MARIA, 1937, p. 178).

Acima, notamos que, a crítica construída do ponto de vista do "outro" em relação ao comportamento das mulheres, carrega um peso enorme para elas. Ao deixar claro qual deveria ser a postura adequada para uma católica, partindo de critérios tidos masculinos. Desta forma, atuar de modo na igreja e de outro fora dela, ou seja, ter "duas consciências" é inaceitável. Entretanto, podemos também entender esse discurso como um momento de reação as transformações que estavam acontecendo naquele período, mudanças essas, que reestruturavam as relações de gênero na sociedade.

Nesse sentido, é importante entender os interesses da Igreja e qual o papel de sua imprensa. Ter em mente a mudança de olhar que os eclesiásticos tiveram em relação ao papel da mulher, na estratégia de dar continuidade a essa instituição no que se refere atuação em ditar quais os preceitos morais da sociedade, bem como, analisar de que forma os discursos contidos em "Maria" eram construídos para a dominação de gênero.

A comunicação como caminho normalizador corpos e mentes

As mudanças que vinham ocorrendo na sociedade desde o século XVIII, com o Iluminismo e a Revolução Francesa, se consolidaram no século XIX. As estruturas sociais estavam em rápidas transformações devido ao avanço do capitalismo e da indústria moderna. Os preceitos morais vigentes na sociedade e na família não estavam fora dessas mudanças. As relações de gêneros também foram modificadas. No Brasil, essas modificações não foram diferentes, o país estava passando por um momento de urbanização, industrialização e modernização de sua sociedade,

principalmente no início do século XX. A imprensa foi o principal instrumento de discursos modernizador da sociedade em escala global. E como resultado, novos discursos passaram a ganhar espaço na estrutura sociocultural.

A Igreja que tinha passado um logo período da história ocidental ditando os preceitos morais dessa sociedade; a partir desse momento viu a sua hegemonia de normalização da sociedade se esvaziar. Como reação, novas estratégias foram assumidas pela elite eclesiástica daquele momento. E um dos primeiros movimentos foi rever o papel da imprensa. Walter Amaral destaca essa mudança de pensamento perante a imprensa:

> Na segunda metade do século XIX, a Igreja Católica começou a ter consciência do alcance e da influência do jornalismo na sociedade. [...] Devido ao grande alcance e influência que a imprensa estava tendo sobre os cidadãos de um novo contexto mundial, a hierarquia eclesiástica passou a defender com mais vigor a atuação dos católicos no campo da escrita, pois acreditava que o jornalismo poderia ser um grande aliado na propagação e defesa de sua fé (AMARAL, 2010, p. 01).

Devido à percepção do poder divulgação de ideias que os meios de comunicação representavam, clérigos e leigos, ligados ao catolicismo, passaram escrever em jornais, que podem ser definidos como veículos de comunicação de massa, nos quais a visão de mundo católica era difundida. Nesses veículos, existiam pessoas influentes e atuantes que legitimavam essas ideias, os chamados intelectuais católicos, que tinham uma função importante de servirem como "motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas num imiscuir-se ativamente na vida prática, como construtor, organizador, persuasor permanente" (GRMSCI, 2001, p. 53). Dessa forma, o catolicismo vai cristalizando em seus fies sua ideologia que consistia em ter, segundo Ana Claudia Ribas, um:

> [...] caráter essencialmente normativo, colocou-se na contramão dessas mudanças, especialmente aquelas que influíam diretamente na organização familiar, considerando-as ameaças à ordem social estabelecida. Fazia-se necessário, então, reforçar seus preceitos através dos discursos, promover o convencimento da população católica de que as transformações sociais traziam consigo a anomia e o caos relacional (RIBAS, 2011, p. 98).

Essas características do discurso estão presentes em toda a "boa imprensa", e na revista "Maria" não seria diferente. Como exemplo disso, temos o artigo "Tempos calamitosos", escrito por Valério dos Santos, no qual identificamos o tom de alerta que o texto faz para as mudanças que estavam ocorrendo em um curto espaço de tempo e o quanto elas são prejudiciais a sociedade.

> Muitas vezes me ponho a comparar aquelles tempos com os actuais, e tenho saudade daquelles então, apesar de todos os excessos, podia se passar por uma praia chique

> sem que o traje dos banhistas viesse ferir os olhos pudicos dos transeuntes. E hoje? As ultimas imposições ditadas pelos despudorados da velho Europa e da sensual, materializada e barbara América do Norte são de molde a não permittir que se atravessem uma praia de banhos chegando ao outro lado com a consciência tranquila, limpa de lodo e pestilência, tal é a podridão e a falta de vergonha reinantes nesses lugares. As praias que podiam e deviam ser lugares de descanso e conforto, onde fosse a gente fortalecer o corpo e dar vigor á alma, são antros de immundicie e de perdição. As gerações actuaes, chegando á beira-mar, esquecem por completo o senso moral, a dignidade humana, e passam a viver pior que nossos selvagens, passam a viver, diga-se a verdade, como irracionaes, aos quaes, só preocupam o comer e a satisfação dos instinctos baixo (SANTOS, in: MARIA, 1937, p. 51). (Grifo nosso)

Além da relação de um passado onde as posturas foram mais aceitáveis, existe uma crítica clara as vestimentas e o quanto elas representam uma ofensa as "pessoas de bem". O apelo a demonizar as tendências que vinham de lugares mais influentes e que, segundo o autor, eram instrumentos que corrompiam a mente dos/as jovens, fazendo que eles/as perdessem o senso moralizante e se entregue aos instintos. Por mais que texto acima esteja falando do comportamento em um lugar especifico, a praia, o que está implícito no discurso é um julgamento dos novos valores morais e comportamentais que surgiam no campo social e cultural. Ou seja, tendo em vista seu público alvo, jovens católicas, ele é carregado de alarmismo e verdades normalizantes que se apoia em uma cosmologia institucional que tem em "Maria" um dos centros de distribuição desse discurso[2]. O mesmo texto, ainda faz referência a postura dos pais, vejamos:

> Noutros tempos os paes prohibiam a seus filhos comparecerem em publico menos decentementes vestidos, e com as filhas tinham o máximo cuidado de as desviar das lugares perigosos, das companhias desmerecedoras de confiança e das reunniões indiscretas com rapazes. [...]. Os paes são os primeiros a pérfido e triste exemplo, sendo elles os mais diligentes na corrupção dos filhos e filhas. [...] O germe da corrupção fervilha por toda parte, contaminando os espíritos incutindo perversidade, desviando os homens do cumprimento do seu dever, afastando-os do seu fim ultimo – Deus (SANTOS, in: MARIA, 1937, p. 51). (Grifo nosso)

Como podemos notar, o autor procura enfatizar a responsabilidade dos pais nessa mudança de comportamento e os acusa de cumplicidade com tais posturas inadequadas de seus filhos e filhas. Ter um discurso que procure influenciar na criação dos/as filhos/as de seus/as leitores/as, atingindo um dos "corações" das transformações culturais e sociais, a família, ele tem que está

[2] Nosso entendimento estar ancorado na afirmação que Foucault faz sobre esse processo: "[...] creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos - estou sempre falando de nossa sociedade - uma espécie de pressão e como que um poder de coerção" (FOUCALT, 1996, p. 18).

munido de um grande poder simbólico. Dessa forma, tento em vista as relações de gênero, a dominação masculina institucionalizada se cristaliza e se perpetua sem a menor percepção[3].
Naquele momento histórico, ter um novo entendimento sobre os veículos de comunicação, passando a vê-los como um forte instrumento de divulgação de seus discursos normalizadores representou um importante passo no projeto católico de se manter como instituição de relevância no cenário social, cultural e político do período. Entretanto, a ação da Igreja precisava ter uma eficácia mais nuclear, atingir a base de toda formação dos sujeitos, a família, para transforma-los, ou mantê-los, como bons católicos. A partir desse momento, houve um novo entendimento do poder clerical sobre o papel das mulheres, principais responsáveis pela formação e educação de um lar e, principal influenciadora dos maridos.

A normatização feminina através da revista "Maria"

Conter o avanço das mudanças que vinham ocorrendo na sociedade, e manter seu poder, era uma das finalidades da estratégia discursiva de comunicação da Igreja, como já citamos. Focar nas mulheres foi o meio mais eficaz de consolidar essa dominação. Como destaca esse trecho, publicada em uma matéria de "Maria": "que é forçoso melhorar as escolas para o sexo feminino, introduzindo nelas a Religião Catholica, visto que só está prepara mulheres dignas da instrucção publica verdadeiras companheiras dos homens e santas mães de famílias" (SOUZA E SILVA, in: MARIA, 1938, p. 18). As mulheres passaram a serem consideradas as salvadoras da família. Essa visão começou a ganhar força em meados do século XIX, quando fica mais nítido no catolicismo, uma mudança quanto à narrativa simbólica sobre gênero feminino. Antes as mulheres eram vistas como perdição dos homens, as descendentes de Eva, culpadas pela expulsão de Adão do paraíso e causando todo sofrimento aos humanos. Agora, a referência simbólica não era mais a figura de Eva, mas sim, Maria, a mãe de Jesus, exemplo de pureza e humildade, desvinculada dos desejos da carne, protetora do lar e a mais perfeita mãe. Essa mudança de postura "[...] não fazem sentido a menos que sejam integradas numa análise da construção e consolidação do poder. Uma afirmação de controle ou de força corporificou-se

[3] Quando observamos a construção do discurso e as estratégias utilizadas nele para sujeitar o gênero feminino as suas premissas, podemos ter a mesma percepção que Pierre Bourdieu teve do tema classificando-o com uma violência simbólica, vejamos as palavras do sociólogo "[...] sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento" (BOURDIEU, 2012, p. 7-8).

numa política sobre as mulheres" (SCOTT, 1995, p. 91). Portanto, caberia agora ao gênero feminino um novo papel social:

> A responsabilidade legada à mulher, dentro do discurso católico, de estar sempre vigilante em prol do catolicismo, principalmente dentro de sua família, chega a ser tratada como sua "sublime missão", e que, portanto, deveria ser constantemente reafirmada, de modo a contrapor-se às tendências da sociedade que se modernizava, acabava impulsionando-a para longe do ambiente doméstico (RIBAS, 2011, p. 99).

O que devemos compreender, é que tanto a narrativa que relacionava as mulheres com Eva como a que as relacionam com Maria, são elementos que procuram legitimar as diferenças entre os gêneros e justificar a dominação masculina. Dessa forma, a responsabilidade moral e de conduta que recai sobre o papel feminino são uma reivindicação dos homens, que através de discursos cobram tais demandas, das quais elas não pediram e não são livres para recusar. Pois, a estratégia de dominação enxergava as mulheres como o centro de transmissão por onde os interesses do gênero masculino são recebidos e redistribuídos, utilizando-se de um poder simbólico que disciplinava o corpo e as vontades. Na matéria "A'S Filhas de Maria", publicada em "Maria", assinada por Dorothéa, podemos identificar as características citadas sobre o discurso fortemente propagando e direcionados as mulheres: "Prometemos, pois, á Maria que d'ora em diante seremos verdadeiras "filhas de Maria" e <u>imitadoras de suas virtudes</u>. Prometamos vestir com modéstia, usarmos as mangas, conforme nos <u>ordena o Santo Padre</u>, usaremos meias e <u>não nos pintaremos mais com exagero</u>" (DOROTHÉA, in: MARIA, 1937, p. 36-37). (Grifo original)

Disciplinar o corpo e normalizar condutas é o pilar do discurso direcionado para ao sexo feminino presente na revista "Maria". Ser exemplo de conduta e de pureza eram reivindicações de uma sociedade centrada nos preceitos do gênero dominante, como demonstra as partes grifadas, que são representados, nesse caso, pelos interesses da Igreja Católica. No entanto, esse processo não ocorre sem certo nível de cumplicidade do gênero dominado, como explica Bourdieu acerca do funcionamento do poder simbólico: "O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem" (BOURDIEU, 1998, p. 7-8). O texto, supostamente escrito por uma mulher, de nome Dorothéa, exemplificaria o que foi dito pelo sociólogo. Primeiro por ser escrito por uma mulher que serve de instrumento legitimador do discurso; e segundo, as próprias fies se submeteram a normatização que os preceitos católicos exigiam. Vejamos mais um trecho dessa matéria:

> Ainda vos lambraes daquele dia em que, vestidas de branco, uma capella a cingir-vos a fronte, o coração a transbordar de alegria sobrenatural, vos aproximastes do altar da virgam immaculada, todo envolto em luzes, e ahi aos seus pés e diante da corte celeste, fizeste o juramento solenne de serdes suas filhas dilectas e verdadeiras imitadoras de suas virtudes? (DOROTHÉA, in: MARIA, 1937, p. 36-37). (Grifo original)

Outro detalhe que o texto apresenta, que pode ser visto como mecânica discursiva, é o fato de que seguir a Virgem Santíssima lhes traz felicidade, representando, assim, um ganho pessoal, além de que aceitar o discurso da Igreja significava está do lado do bem. Michel Foucault classificou esse tipo de dominação como "poder pastoral"; que segundo ele, funciona da seguinte maneira:

> [...] o poder pastoral é essencialmente um poder benfazejo [...] inteiramente definido por seu bem-fazer, ele não tem outra razão ser senão fazer o bem, é que, de fato, o objetivo essencial para o poder pastoral é a salvação do rebanho. [...] É uma campo de obediência generalizada, fortemente individualizado em cada uma das suas manifestações, sempre instantâneo e limitado, e tal que mesmo os pontos de domínio nele presentes ainda são efeitos de obediência (FOUCAULT, 2008, p. 170, 174, 237).

É importante frisar que ao lermos as matérias que expressam uma dominação de gênero, elas demonstram um discurso com mais ênfase em controlar corpos, mentes e sexualidade das jovens. Os exemplos simbólicos utilizados pelo discurso normalizante da Igreja destaca a postura e o comportamento de grandes representações do passado da cristandade. Sendo assim: "A linguagem simbólica, para ser compreendida, necessita então sempre daquela criação interpretativa fundada numa dupla hermenêutica, que parte do sentido objetivo para a significação existencial" (GROSS, 1999, p. 42). Como podemos identificar no editorial da revista, publicada em novembro de 1937: "Cecília foi o seu nome, triplamente aureolado pela prosopia da alta linguagem dos Metellos, pela nobreza de seu coração puro e impregnado da mais viva fé e pelo diadema do supllicio padecido por amor de Jesus, a Quem se consagrara exclusivamente" (MARIA, 1937, p. 213). O texto fala sobre Santa Cecília, uma jovem de grande representação social, a qual se entregou ao cristianismo. Nesse ponto, o discurso procura fazer uma similaridade entre a Santa e uma jovem católica que se dedica a sua fé.

> Vivendo no fausto e entre os mil perigos do paganismo, o seu caracter sem jaça tanto mas experimentava repugnacia da daquele ambiente de idolatria, vaidade e dissipação, quanto mais se imbuia da beleza e sublimidade da nova doutrina do Evagelho que constituira para ella o único ideal, único assunpto e sua meditação e estudo (MARIA, 1937, p. 213).

Como vimos o texto acima, procura descrever que Cecília passou por um momento social similar com que as jovens de 1937 estavam passando e que ela não se rendeu a "tentação", mas ao contrário, ela se voltou para a fé cristã, como toda boa católica deveria fazer. "[...] pode-se

ver que na realização do discurso como texto está implicada uma relação com o contexto em que este texto se produz. Trata-se do mundo a que se refere o texto, e daí a denominação de referente ou de mundo do texto" (GROSS, 1999, p. 39).

Nesse momento, entendemos que o discurso quer demonstrar que uma verdadeira católica não deve se render as tentações do mundo fora da religiosidade, pelo contrário deve ser forte e se voltar para Deus. Assim, como mostrado no texto abaixo:

> Cecilia dotada de peregrina formosura e sobretudo de attraentes predicados Moraes, seria uma noiva inegualavel para os mancebos de Roma. Os seus paes orgulhos de tal filha e solícitos em xelar pela sua felicidade, sem ela saber, prometeram-na em casamento a Valeriano, um dos mais dignos do patriciado romano. Viu-se, assim amodelar christã, constrangida a receber, perante os homens, o nobre patrício como espôso. Mas Celilia, já era a prometida do Cordeiro Divino. Que fazer? As suas preces evolam, ardentes à Virgem S. S. e ao Anjo da Guarda, na ânsia de conservar a sai pureza virginal...Os Céos ouvem-lhe os rógos e attendem ás exigencias de Valeriano: um Anjo aparece para firmálos na fé e cingi-los com lindas grinaldas de rosas e lírios. (E' o que se representa no frontispício do presente número. Santa Cecilia alcançou a suprema victoria, repartindo o seu diadema de christã martyr com o esposo terreno que também ia participar da sua perene ventura junto do Castissimo Esposo – Jesus (MARIA, 1937, p. 213).

A partir desse momento torna-se inteligível sua verdadeira intenção: mostrar que se uma católica deve ser fiel a Igreja, a Maria Santíssima, ser uma boa filha e boa esposa poderá converter o marido e seus/as filhos, assim todo poder celestial fara milagre em sua vida trazendo a felicidade como fez com Santa Cecília, concretizando-se um discurso normatizado ancorado no simbolismo mitológico que traz sentido existencial.

Outros dois aspectos bastantes presentes nesse periódico são: interessante por normalizar o comportamento feminino no espaço público e a desobediência das mulheres as condutas que importa a Igreja. Para o primeiro caso fazia parte dos próprios preceitos cosmológicos da instituição, que a mulher fosse dona da casa, a mãe que deveria cuidar da família, como já citamos, portanto ditar como se vestiam, regular os lugares que frequentavam, censurar as leituras e críticas as más companhias estavam no roteiro do discurso.

> Que relação há entre o mar e a virtude? Propriamente falando nenhuma. Mas sempre ha alguma. Mar, isto é, praias de mar – logar de divertimentos públicos, de escândalos de desrespeito á honra e á virtude. [...] das vestes e da vergonha para ofender a Deus e ás virtudes. E' nisto que está a relação entre o mar e a virtude. Para uma moça christã as praias de banho são tão perigosas que nem se pode supor (MAR e virtude, in: MARIA, 1937, p. 240).

Nessa demonstração já podemos encontrar o discurso que procura criticar o local e as vestimentas de seus frequentadores, deixando claro que esse não é lugar para uma cristã. Vamos ver outro exemplo:

> Não cessamos de clamar contra os concursos de belleza, porque elas são sempre occasião de perigo iminente á honra das jovens que a elles concorrem. A igreja condemna essa nova forma de propagar o paganismo dos costumes nos lares cristãos, porque ela arma laços á vaidade das donzellas e as arrasta para esse desmoronamento do pudor capaz de realizar a ruina completa da honra feminina. E' uma falta de vergonha desnuda-se em publico uma filha de familia e deixar que examinem e meçam as suas formas, como se foram animaes de raça e criação (CONCURSO de beleza, in: MARIA, 1938, p. 5).

Imprimir na mente das jovens que as novas tendências sociais eram um perigo para sua honra e que aderir as novas formas "pagãs" de culto ao corpo e a beleza foi uma das formas mais eficazes para dominar o corpo e manter as mulheres fora do espaço público. Em outros textos a premissa se repete, normaliza o comportamento feminino, enfatizando um ponto mais que o outro, mas no fim, o resultado é o mesmo, a dominação do gênero feminino.

Já o segundo aspecto, a desobediência, basta fazer uma leitura com um pouco mais de atenção para percebermos que já estava implícito que nem todas as católicas estão seguindo ao pé da letra as instruções do clero. O primeiro texto que apresentemos nesse trabalho não se chama "Duas consciências" por um simples acaso, não é mesmo? No entanto para não deixar dúvida sobre essa questão, vejamos um recorte desse artigo.

> Nós que deveriamos pelo nosso comportamento, pelo nosso trajar, attrair as outras jovens á Maria, dar-lhes o exemplo de tão santa Mãe e, em tanto, nos confundimos com ellas, que não tem um compromisso, que não tem uma fita azul! Pensemos e um pouco e veremos.... Em verdade como estamos trilhando um caminho inteiramente diverso daquele que um dia prometemos trilhar, como nos devíamos! Mas alguém procura essas ovelhinhas desgarradas de seu rebanho não poderá descansar enquanto não as trouxer ao redil: é Maria, a divina Pastora. E' ella que está chamando todas as ovelhinhas que se desviaram, que se afastaram de suas congregações, para que voltem ao comprimento de seus deveres. Rejeitareis, irmãs queridas, o chamado de nossa Mãe do céo? Preferireis o mundo àquella a quem vos consagrates? (DOROTHÉA, 1937, p. 37).

No que tange ao que foi exposto acima, é explícito que nem todas as mulheres católicas deveriam estar aderindo a esse discurso de dominação, apesar dos esforços da Igreja. A criação de uma imprensa católica voltada a recuperar a hegemonia social e cultural fazia parte desse esforço, como também a aliança com o governo do presidente Getúlio Vargas naquele período (tema que não foi o foco de desse trabalho). E como podemos notar, a revista "Maria" foi mais

um instrumento de distribuição de discurso de normalização e disciplina dos corpos e mentes das mulheres que viveram no Recife durante os anos de 1930.

Conclusão

Ao lermos as matérias publicadas em "Maria" que tecem críticas ou procuram normalizar os comportamentos do gênero feminino, pode surgir a seguinte pergunta: as católicas resistiram ao processo de dominação da Igreja? Mas não é esse o ponto, quando vamos observar o que estava acontecendo na sociedade do período, percebemos que na verdade o que existia era uma disputa nos meios de comunicação pelo corpo e mentes das mulheres. A "boa imprensa" só representava um dos meios institucionalizados para atingir as mulheres. Para além dos interesses do catolicismo, a sociedade do início do século XX começou a entender que as mulheres também faziam parte de mercado de trabalho e que elas deveriam ter seu espaço como indivíduo no campo social e cultural, o que não significa que, as mulheres estavam e, estão, livres do preconceito, mas que surgia um novo significado do que era ser mulher. Como demonstra Mary Del Priore:

> Sobre os corpos femininos, o século XX imprimiu suas marcas e a brasileira viveu diversas transformações físicas. Viu ser introduzida a higiene corporal. Acompanhou a invenção do batom em 1925; do desodorante em 1950. Cortou os cabelos à *la garçonne,* gesto sacrílego contra as bastas cabeleiras do século passado. O aprofundamento dos decotes levou-a a aderir à depilação. O espartilho diminuiu e se transformou no sutiã, possibilitando maior movimento dos braços das trabalhadoras. Manter a linha tornou-se um curso. A magreza ativa foi a resposta do século à gordura passiva da Belle Époque. Com o desaparecimento da luva, essa capa sensual que funcionava ao mesmo tempo como freio e estímulo do desejo, surgiu o esmalte de unha (PRIORI, 2017, p. 375).

Também surgiram periódicos, religiosos e leigos, com discursos reservados ao gênero feminino. No entanto, o interesse presente na maioria dos textos de revista, jornais e anúncios não eram, e ainda não é, diferente aos da Cúria Romana, que normaliza o corpo feminino para perpetuar a dominação do gênero masculino na sociedade. Portanto, as duas consciências que o título do trabalho aponta, não representava um ato de rebeldia, olhando por uma lógica das relações de gênero, mas sim, qual narrativa seria mais eficaz em corromper a consciência feminina.

Referencias

AMARAL, Walter Valdevino do. **O que fizerem ella?** As filhas de Maria e a boa imprensa no Recife 1902-1922. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010.

_____. Contra a imprensa, a imprensa: O jornal "A Tribuna", um instrumento de defesa da verdade católica em Pernambuco na República Velha. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308168261_ARQUIVO_CONTRAAIMPRENSA,AIMPRENSA.pdf>. Acessado em: 15 jan. 2018.

BOUDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRÍGIDO, Edmar Inocêncio. Michel Foucault: uma análise do poder. **Revista Direito Econômico Socioambiental**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 56-75, 2013. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/direitoeconomico?dd1=12702&dd99=view&dd98=pb>. Acesso em: 07 jan. 2018.

BUTLE, Judith. Vida precária. **Contemporânea**, v. 1 n. 1, jan/jun, p. 13-33, 2011. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/18/3>. Acesso em: 09 jan. 2018.

CONCURDO de beleza. **Maria**: Revista das Congregações Marianas, Recife, ano 26, n. 290-291, p. 5, jan./fev., 1938.

DOROTHÉA. Ás Filhas de Maria. **Maria**: Revista das Congregações Marianas, Recife, ano 25, n. 280-181, p. 36-37, mar./abr., 1937.

DUAS consciências. **Maria**: Revista das Congregações Marianas, Recife, ano 25, n. 286-287, p. 178-179, set/out, 1937.

FOUCALT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyolas, 1996.

_____. **Segurança, território, população**: Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GROSS Eduardo. Hermenêutica e Religião a partir de Paul Ricoeur. **Numm**: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 33-49, 1999. Disponível em: <https://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/view/884/768>. Acessado em: 15 jan. 2018.

MAR e virtude. **Maria**: Revista das Congregações Marianas, Recife, ano 25, n. 289, p. 240, dez., 1937.

MARIA, Recife, ano 25, n. 288, nov., p. 213, 1937. [Editorial].

PRIORE, Mary Del. **História da gente brasileira**. República. (1889-1950). Rio de Janeiro: LeYa, 2017. Vol. 3.

RIBAS, Ana Claudia. A boa imprensa, a política e a família: os discursos normatizantes no Jornal O Apóstolo (1929-1959). **Espaço Plural**, ano 12, n. 24, p. 96-106, 2011. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/viewFile/7240/5312>. Acessado em: 15 jan. 2018.

SANTOS, Valério dos. Tempos calamitosos. **Maria**: Revista das Congregações Marianas, Recife, ano 25, n. 280-181, p. 51-54, mar./abr., 1937.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 07 jan. 2018.

SOUZA E SILVA. Necessidade de religião. **Maria**: Revista das Congregações Marianas, Recife, ano 26, n. 290-191, p. 18-19, jan./fev., 1938.